




MIGRAÇÃO E VIOLÊNCIA EM *DESESTERRO*, DE SHEYLA SMANIOTO

MIGRATION AND VIOLENCE IN *DESESTERRO*, BY
SHEYLA SMANIOTO

MIGRACIÓN Y VIOLENCIA EM *DESESTERRO*, POR
SHEYLA SMANIOTO

 10.5935/2177-6644.20230037

Henrique Roriz Aarestrup Alves *

 [0000-0003-1118-4661](https://orcid.org/0000-0003-1118-4661)

Rosana Barbosa Moreira **

 [0000-0002-6623-1077](https://orcid.org/0000-0002-6623-1077)

Resumo: O romance contemporâneo *Desesterro*, de Sheyla Smanioto, traz em seu enunciado a dor de várias Marias espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. A obra narra a história de quatro gerações de mulheres que vivem à margem da sociedade, inseridas em um ciclo de violência física, psicológica, sexual, financeira e moral. Essas violências são perpetradas pelo único personagem masculino da obra, que as leva à subordinação e à opressão, deixando, inclusive, de terem o direito de escolher sobre a sua vida e sobre o seu próprio corpo. O objetivo do estudo, então, é o de analisar, no percurso da personagem Maria Menina, presente em *Desesterro*, essa realidade de violência e abuso contra as mulheres, ou seja, as representações dessa violência, assim como seus possíveis significados. Essa violência contra a mulher se mostra enraizada em nossa sociedade patriarcal; porém, a perspectiva trazida pela autora apresenta as mulheres e as suas dores como elementos capazes de ressignificar as relações sociais e seu conjunto de valores.


Palavras-chave: Violência. Migração. Mulheres.


Abstract: The contemporary novel *Desesterro*, by Sheyla Smanioto, brings in its statement the pain of several Marias spread across Brazil and the world. The work tells the story of four generations of women who live on the margins of society, inserted in a cycle of physical, psychological, sexual, financial and moral violence. This violence is perpetrated by the only male character in the work, which leads them to subordination and oppression, even ceasing to have the right to choose their lives and their own bodies. The objective of the study, then, is to analyze, in the course of the character Maria Menina, present in *Desesterro*, this reality of violence and abuse against women, that is, the representations of this violence, as well as its possible meanings. This violence against women is rooted in our patriarchal society; however, the perspective brought by the author presents women and their pain as elements capable of giving new meaning to social relations and their set of values.

Key-words: Violence. Migration. Women.

Resumen: La novela contemporánea *Desesterro*, de Sheyla Smanioto, trae en su relato el dolor de varias Marías esparcidas por Brasil y el mundo. La obra cuenta la historia de cuatro generaciones de mujeres que viven al margen de la sociedad, insertas en un ciclo de violencia física, psicológica, sexual, financiera y moral. Esta violencia es perpetrada por el único personaje masculino de la obra, lo que les lleva a la subordinación y la opresión, llegando incluso a dejar de tener derecho a elegir su vida y su propio cuerpo. El objetivo del estudio, entonces, es analizar, en el transcurso del personaje María Menina, presente en *Desesterro*, esta realidad de violencia y abuso contra las mujeres, es decir, las representaciones de esta violencia, así como sus posibles significados. Esta violencia contra las mujeres tiene sus raíces en nuestra sociedad patriarcal; sin embargo, la perspectiva aportada por la autora presenta a las mujeres y su dolor como elementos capaces de dar un nuevo significado a las relaciones sociales y su conjunto de valores.

Palabras-clave: Migración. Violencia. Mujeres.

* Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.  [0500060213517646](https://orcid.org/0500060213517646) - E-mail: henriqueroriz@unemat.br.

** Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT. Servidora do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso - TJMT.  [6873664036065527](https://orcid.org/6873664036065527) - E-mail: rosana.barboza@unemat.br.

O presente trabalho tem o intuito de pesquisar as configurações da violência no corpo feminino no romance *Desesterro*, de Sheyla Smanioto. Publicado em 2015, a narrativa apresenta quatro gerações de mulheres que vivem à margem da sociedade e transmitem de geração em geração as mazelas e as dores por elas vividas. As mulheres retratadas vivem na companhia de um único sujeito masculino denominado “Tonho”, e recebem o nome de “Maria”, que pode fazer tanto referência à Lei Maria da Penha, como também à mãe de Jesus Cristo, filho de Deus, segundo o mito bíblico, cujo nome é extremamente comum no Brasil e no mundo.

Será objeto desse estudo as dinâmicas de funcionamento de relações sociais que produzem as violências e que acabam por levar as mulheres a permanecerem nesse contexto dentro da estrutura familiar patriarcal, verificando, assim, a possibilidade dos significados da representação da violência estarem relacionados ao próprio funcionamento da sociedade capitalista e patriarcal, colocando-a em xeque. Importante ressaltar, ainda, que este trabalho irá se concentrar no percurso realizado pela personagem Maria Menina devido à necessidade de se fazer um recorte e de delimitação da pesquisa.

O percurso da personagem Menina se inicia na cidade de Vilaboinha, localizada no Nordeste do Brasil, e finda na cidade de Vila Marta, em São Paulo, ambas fictícias. Não se pode considerar essa migração realizada pela personagem como um fenômeno homogêneo e único, pois muitos são os processos e os fluxos diferentes que levam as pessoas que vivem no Nordeste a migrarem para o Sudeste. No caso em análise, a dinâmica demográfica ocasionou-se pelo efeito das históricas e imensas desigualdades das regiões do país, em especial pela seca extrema de Vilaboinha. Mas, também, alguns elementos que influenciaram nessa movimentação de Menina podem ser identificados, como a opressão e a violência a que era submetida, além da ideia de que a cidade de São Paulo seria uma terra de oportunidades.

Antes de partir para a análise da narrativa propriamente dita, importante se faz trazer algumas informações sobre a vida e a obra de Sheyla Cristina Smanioto Macedo. Nascida em 1990, em Diadema - São Paulo, a escritora concluiu sua graduação em Estudos Literários em 2011 e o mestrado em 2015 em Teorias Literárias, ambos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Iniciou no mestrado o estudo sobre o corpo e a palavra, sobre os órgãos e os sonhos, objetivando relacionar a literatura com discussões sobre questões políticas contemporâneas, especialmente as feministas.

Em 2012 escreveu *Dentro e Folha* (Dulcineia Catadora), livro de poemas com o qual ganhou o 1º Prêmio Estante Literária, e em 2013 produziu o *webdocumentário Osso da fala*, angariando o prêmio *Rumos Itaú Cultural Cinema e Vídeo*. Também escreveu a peça *No ponto cego* (2014), sendo vencedora do *IV Concurso Jovens Dramaturgos*, e ainda no ano de 2014 recebeu o prêmio *Proac Criação Literária* (2014) com o projeto “Monólogos para dois”.

Em 2017 fez parte da seleção da revista *Forbes Under 30*¹, oportunidade em que foi apontada como sendo uma das jovens com menos de trinta anos que fazem a diferença no Brasil. Em 2015 publicou a obra intitulada *Desesterro* (2015), que lhe permitiu, no mesmo ano, ser agraciada com o *Prêmio SESC de Literatura*. Em 2016 recebeu o *Prêmio Jabuti* (3º lugar), o *Prêmio Machado de Assis* da Biblioteca Nacional, sendo finalista do *Prêmio São Paulo de Literatura* e *Rumos Itaú Cultural* (2018) com o projeto *Como tomar seu corpo de volta?*. Seu segundo romance, publicado em 2020, foi contemplado pelo *Rumos Itaú Cultural* (2016), chegando à final do *Prêmio São Paulo de Literatura* em 2021, além de ter sido indicado à *58ª edição do Prêmio Juca Pato* de intelectual brasileiro do ano. Ainda em 2021, Smanioto recebeu o prêmio *PEN Translates awards announced*, com o romance *Desesterro* (em inglês *Inexile*).

Smanioto ainda possui outras publicações de relevância, como *Carta ao pai* (2019), conto publicado na antologia *Contos brutos*, com organização de Anita Deak; *Os nomes que os homens dão para o meu prazer* (2019), conto publicado na edição de maio do *Suplemento Pernambuco*; *Mulher cobra* (2018), conto publicado na *antologia livre*, com organização de Beatriz Leal; *Mulher bicho* (2016), conto publicado na *Revista Pessoa* (2016), editada por Mirna Queiroz; *Dobradinha* (2015 e 2018), conto publicado no *blog Études Lusophones* (2015), na *newsletter Para ler escritoras* (2018); na revista *Revestrés* com *Dupla penetração* (2015), conto publicado na revista *AZMina*; *Salto para* (2014), peça publicada na antologia da turma de 2013 do Núcleo de Dramaturgia do SESI/*British Council*.

O romance *Desesterro*, obra mais conhecida de Smanioto, despreza a imposição da utilização da sintaxe em sua linguagem, em respeito à fala simples das personagens que vivem em meio à seca e à miséria, e tem seu enredo marcado por temporalidades diferentes, distribuídas em *flashes* que, por certas vezes se aproximam do campo do trágico ou do onírico, mas que se entrelaçam. A narrativa não é linear, vai e volta no tempo a todo momento, o que ocorre também com o espaço, intercalando os fatos ocorridos em Vilaboinha

¹ Ver: [Forbes](#), 2017.

e Vila Marta, ambas cidades ficcionais que fazem referência à várias pequenas cidades do interior do país, a primeira representando parte do nordeste e a segunda do sudeste do país.

Vilaboinha é uma cidade de terra árida, representativa da extrema pobreza, da seca e da marginalização, e que se faz espaço da trajetória de vida das cinco “Marias”, de quatro gerações distintas: Maria da Penha, Maria Aparecida (Cida), Maria de Fátima, Maria Menina e Scarlett Maria, as quais carregam um histórico de pobreza e segregação em meio à seca e miséria:

No dia de parir a criança, Fátima amanheceu comendo terra. Não era a primeira vez naqueles dias enfermos de sol beirando o chão, mas logo soube: seria a última. Comeu tanta terra e o calor era tanto que quase alcançou um poço. Comeu tanta terra que passou a sentir tossir terra e respirar assim que nem terra através de tudo que dela brota. Na terra comeu os bichos, os ossos vencidos e as plantas vencendo. Na terra comeu a água esquecida, as pedras, as coisas perdidas, metais preciosos e até uma concha de mar antigo. [...] Mas dentre todas as coisas, dentes, escorpiões, dolorosas nuvens áridas, dentre todas as coisas empoladas na goela seca, nada descia tanto como terra a garganta pedregosa de Fátima quanto o pressentimento pedregulho de que alguma coisa ia acabar brotando daquela terra toda (SMANIOTO, 2015, p. 67).

Nesse contexto de seca, miséria, pobreza e segregação, vida e morte se entrelaçaram: Maria Aparecida (Cida) morre ao dar à luz Maria Menina em Vilaboinha, que se mostra acostumada com um sol onde “muito pouca coisa sobra” (SMANIOTO, 2015, p. 49):

Em Vilaboinha o sol que estralava na gente de repente está no céu embrenhado. Os olhos de cada um começam embaçados, dois ovos na escuridão estralados, achando que deve ser o corpo que anda errado, a idade, o sono, a ave-maria, castigo de Deus, arte do diabo, demônio pregando preguiça, impressão sua, não deve ser nada, diacho, é falta de farinha. Em Vilaboinha ninguém sabia, mas o sol embrenhado em pleno dia é um eclipse que está para começar (SMANIOTO, 2015, p. 215).

A Menina, que é neta de Maria da Penha, a segunda filha de Maria Aparecida, irmã de Maria de Fátima e tia de Scarlett Maria, não avisou que vinha, só chegou, gorda. Penha foi quem a retirou do meio das tripas de sua genitora Cida, a qual faleceu antes mesmo de dar um nome a sua prole, como se pode perceber nos seguintes excertos: “[...] Maria, Maria, Maria Aparecida... morreu e nem pôde dar nome pra filha” (SMANIOTO, 2015, p. 74); “[...] a menina nem tem nome coitada (SMANIOTO, 2015, p. 12); “[...] Já a outra neta da Penha, irmã de Fátima, tia de Scarlett, já ela ficou sem nome” (SMANIOTO, 2015, p. 48). Menina possui os ossos e os pés virados como os da avó, as unhas curvas iguais aos das primas, tem o nariz da família para morar dois tatus-bola, pintas nas costas, as orelhas usadas, esquecidas, olhos esvaziados e o jeito de olhar como o da tia.

Maria Menina não foi nominada ao nascer e, por essa razão, não deveria receber um nome, segundo Penha. No entanto, segundo o artigo 16 do Código Civil Brasileiro, toda

pessoa tem direito ao nome, o qual identifica o indivíduo no seio familiar e na sociedade. Essa falta de nome de Menina é um fator determinante em sua vida, já que a ausência de uma identidade a diminui no próprio seio familiar e a torna vulnerável e mais propensa à subordinação, já que esse fato é sempre trazido a lume para inferiorizá-la:

Mas escuta bem o que vou lhe dizer, menina. Tem carne que só apanha de palavra, então me ouve, desgraça: você está morta, você nunca viveu. Que mais podia ir sendo? Nasceu de uma morte, nasceu de minha mãe morta, só podia mesmo não estar vivendo. Ouve bem se lhe falo: ninguém nasce escuridão. As coisas vivas têm nome, mesmo as coisas malditas, só você maldita não. Está morta, por isso olha longe. [...] Você morta e a gente viva vendo todo dia mainha em você. Você nem sabe o que é isso ter mãe o que isso mãe. Se fosse sabendo, dava jeito de ir embora, de se enterrar longe da vista. Aprendia a morrer de novo se tivesse consideração comigo, com vó, com mainha. Se botava de vez dentro da terra e deixava para os vivos a vida (SMANIOTO, 2015, p. 188).

Toda a Vilaboinha dizia que Menina era cega, que seus olhos eram esvaziados, “[...] mas um médico a cavalo deixou Vilaboinha de olhos arregalados: a menina vê bem até demais” (SMANIOTO, 2015, p. 15). Menina enxergava o que as pessoas não viam, como a possibilidade de ter uma vida diferente, longe daquela pobreza e miséria, o que que Penha nunca conseguira ver: “[...] Penha se esforça, deixa os olhos estralados, não adianta, neles morre tudo” (SMANIOTO, 2015, p. 15). Mas Menina sim, ela via: “[...] Não pode isso ver mais que a gente, adivinhar outro mundo, não pode isso estar grávida dos próprios olhos, isso não” (SMANIOTO, 2015, p. 15).

Mas enquanto seus olhos apenas vislumbravam um mundo novo, Menina Maria tentava sobreviver, ora escondida na barra da saia de vó Penha ou embaixo da pia, na tentativa de proteger a si própria e a sobrinha Scarlett das agressões de Tonho, seu pai, único personagem masculino que exerce um poder patriarcal e sexista sobre as mulheres da narrativa, ora tentando enganar a fome:

A menina lá longe, mexendo a terra, e Fátima olhando as galinhas todas nervosas com o sol tão perto e tentando não ter fome que tinha. Fátima olhando as galinhas, as pedras tudo e a terra mexida que a menina prepara para sua boca saliva. Só podia mesmo ter algo terrível em querer devorar a terra que um dia vai devorar tudo a gente (SMANIOTO, 2015, p. 51).

Em várias oportunidades Menina presenciou Tonho agredir fisicamente Maria de Fátima, sua irmã mais velha e, em muitas delas, foi a responsável por cuidar de Scarlett Maria, sua sobrinha/irmã durante os atos de violência, como no trecho a seguir:

Tonho nunca via a menina ou a criança. Ele chegava em casa o diabo no corpo ele chegava em Fátima e a menina se escondia, a menina pegava Scarlett e as duas ficavam embaixo da pia. Fatima deitada na mesa, empurrada, Fatima levando pancada, rendida, a toalha de crochê desenhando em sua cara, olhava a menina e a

filha, olhava as duas e se perguntava que carne é essa o olho, que apanhando de longe doía (SMANIOTO, 2015, p. 183).

Menina, apesar de ser filha de Tonho, não estabelece nenhuma relação de afeto com seu pai e vice-versa: “[...] Tonho nem ligava pras filhas, nem pra Scarlett muito menos pra menina” (SMANIOTO, 2015, p. 185). Percebe-se que Menina sente em relação a Tonho é medo: “[...] Deus é pai, a vó dizia. Pai é tudo que faz a gente ficar escondida, embaixo da pia, cochichando com as próprias feridas” (SMANIOTO, 2015, p. 259). Quando Maria Aparecida faleceu e Tonho lhe contou que havia estuprado Maria de Fátima e iria se “casar” com ela, Penha fez um único pedido a Tonho: “[...] faça o que for preciso, só deixe a menina da Cida comigo” (SMANIOTO, 2015, p. 114). A partir desse momento, vó Penha é quem passa a ser a responsável pela criação e educação da Menina.

Tudo muda na vida de Menina quando Maria de Fatima decide confrontar Tonho, no intuito de mudar os rumos de sua vida e, talvez, de sua família, mas sucumbe e acaba sendo morta por ele. Menina presencia toda a cena e, o que antes era um fardo, um problema, torna-se a solução, uma mudança de paradigma e a concretização dos seus vislumbres. Menina, que não possui nome, se apropria da identidade de Fátima: “[...] pega a bolsa de Fátima, os documentos, pega as orelhas de Fátima, esconde os ossos, as unhas, deixa Scarlett na porta da vó, deixa a vó e Scarlett sozinhas. Já não é mais a menina” (SMANIOTO, 2015, p. 245):

Observam senhoras e senhores, um corpo tomando o lugar do outro, um braço que foi, os calcanhares de volta, os dedos das mãos, duas orelhas desenterradas, observem, senhoras e senhores, duas caras. A Fátima lentamente se transformando em monstro! Na irmã! Na menina! Olhem, olhem! Que coisa horripilante! Os olhos da criatura, dois buracos infinitos, arregalados, e a Fátima parindo um monstro por todos os seus buracos. Ela está completamente adormecida, Fátima não sabe o que está se passando ela se transforma. Notem, senhoras e senhores, dos pés à cabeça notem o que aconteceu com Fátima, ela foi totalmente transformada, os braços soltos, as pernas tortas, notem os olhos da criatura. Agora vemos provas que ela todo esse tempo enterrada em Fátima vamos provar que essa criatura escondida como Fátima vamos provar que essa criatura ainda tem vida. Acorde, monstro! Desperte, menina! (SMANIOTO, 2015, p. 216-217).

Assim, em razão das transformações contínuas do meio em que estava inserida, Menina, que antes não tinha nem um nome como índice de identidade, pega para si o nome e a identidade de Fátima. Essa “transferência” de identidade pode ser considerada como um indício da precariedade identitária levada ao extremo dessas personagens denominadas Maria, pois, ao se tornarem tão anônimas e comuns, seriam consideradas como se fossem todas iguais em suas dores, misérias e mazelas, afinal, cada uma seria apenas uma “dona Maria”, esvaziada, banalizada e vilipendiada em sua individualidade. Para Menina,

assumir-se como Fátima parece referir-se a um processo de apropriação de si própria, dada a grande semelhança física e psíquica que unem essas “Marias”.

A respeito da identidade moderna, Stuart Hall afirma que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Menina não herda somente o nome de Fátima, leva também junto consigo a violência, pois, ao se apropriar dos documentos e do nome da irmã morta, bem como do seu desejo de fuga, ela se coloca como uma vítima em potencial de violência, herdando o mesmo destino infeliz de Maria de Fátima. Menina concretiza o sonho de Fátima e vai embora para São Paulo para tentar viver uma vida diferente e deixar para trás aquele verão de Vilaboinha, aquela febre: “[...] FEBRE É: síndrome caracterizada por hipertemia, taquisfigmia, vilaboinha. Exaltação do espírito. Essa vontade de comer terra. Com tudo que ela guarda. Verão dentro da gente. Vontade de sair da gente. As coisas atravessadas” (SMANIOTO, 2015, p. 221).

Conceituar migração não é uma empreitada tão simples, já que inexistente consenso. De um modo geral, pode-se considerar que são as movimentações com origem e destino revestidas de um propósito de residência ou fixação em outro território. Trata-se de fenômeno que envolve tanto a produção social como a materialidade e a corporeidade. A mobilidade torna-se, assim, uma parte essencial do ser humano, ao lado de outras tantas características que lhe são ímpares.

Assim, o processo migratório se dá com o desenraizamento, já que alterar o lugar natural implica em deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, os quais foram responsáveis pela formação e identidade do sujeito. Migrar é abandonar uma segurança pré-construída e lançar-se em mundo desconhecido, em lugares de pouca familiaridade em que não haveria controle, uma das raízes da insegurança (MARANDOLA JR., 2008).

Essa perspectiva migratória, nos permite analisar a trajetória da personagem Maria Menina, cuja vida é transformada a partir do momento em que migra de Vilaboinha para Vila Marta. Maria Menina migrou do sertão de Vilaboinha, local onde foi abandonada em um contexto de exclusão social e de vulnerabilidade pelas políticas públicas e teve que se

submeter aos mandos e desmandos de um único homem para Vila Marta em busca de melhores condições de vida.

Vinte anos em Vila Marta e Menina também não teve vida fácil. O barraco onde mora é quarto e cozinha e as coisas que ela possui cabem em quatro caixas de papelão de biscoito Costone, e toda vez que deita sente o chão batido, ondulado, sujo e molhado; mas o que mudou em relação a Vilaboinha é que a terra é calma e os cães não latem.

Maria Menina, durante o tempo que viveu em Vila Marta, procurou esquecer tudo o que vivera em Vilaboinha, mas um dia a sua meia irmã/sobrinha bate à sua porta trazendo todas as lembranças que ela deseja esquecer: “[...] A filha que deixou em Vilaboinha com tralhas, panelas, um recorte de homem na revista, diacho, tudo o que não cabia. A filha que rebentou de si quando veio para São Paulo fugida” (SMANIOTO, 2015, p. 77). Scarlett a fazia lembrar de um passado que ela queria esquecer: “[...] Ficou com medo do que a cria trazia: encontrou nos olhos rasgados dela tudo o que deixou para Vilaboinha, as terras compridas, os restos da família, meu Deus, o calor do meio-dia” (SMANIOTO, 2015, p. 77).

Depois de todos esses anos, quem também reaparece é Tonho, e de forma errônea ele acredita que Menina é a sua “caielinha Fátima” que havia estrangulado, mas que sobreviverá. Assim, Menina não imaginava que depois de tantos anos bateria em sua porta o homem capaz de fazê-la lembrar das mazelas e violências sofridas e que a fez se sentir acuada e oprimida. Quando Tonho bate à sua porta, assim como fizera no passado, Menina se esconde debaixo da pia com Scarlett Maria e, embora o seu desejo fosse o de confrontar o seu opressor, o medo a impediu de tomar qualquer atitude:

Maria menina embaixo da pia que nem quando viu o Tonho matar Fátima de pancada, Maria menina devia latir que nem cão avançar nas pernas será que é mesmo Tonho? Devia fazer reza conhecida de derrubar boi com vida. Diacho, a Fátima está tão quietinha. Maria menina devia gritar o que a vó bem sabia, como faz pra matar homem bicho ruim, como faz para expulsar o diabo da vida. O diabo é isso, a gente quer bater nele ele ri ele grita de novo na porta, pede perdão, ele ri da gente ele pede perdão, desgraçado, será que é mesmo o diabo? Maria menina procura a filha, olha a filha, olha a filha, mas vê Maria de Fátima todinha, meu Deus, tão quietinha. Deve ter aprendido com a vida. Maria menina devia gritar ajuda da terra faminta, os cães uns nos outros só pode ser o verão de Vilaboinha. E se dessa vez ninguém viesse Maria menina ia dar jeito e encontrar os braços de Tonho, morder, dar tempo de Maria de Fátima correr longe o pé descalço, se dessa vez ninguém viesse Maria menina ia pisar os pés nos pés de Tonho, diachos, ela desgraçava se fosse preciso até o cão Maria menina chamava. Dessa vez pelo menos dessa vez tem que salvar Maria de Fátima (SMANIOTO, 2015, p. 261).

Menina pensou em várias formas de salvar a si e a Scarlett, representante de sua irmã Maria de Fátima, já que, por reflexo, estaria salvando Fátima, o que não pôde fazer anos atrás quando, acuada embaixo da pia, viu Tonho estrangulá-la. No entanto, na sua loucura e

confusão mental de não saber o que era fantasia e o que era real, diante das palavras de Tonho de que Fátima havia sobrevivido, Menina, com medo de perder Scarlett, a única coisa positiva que ainda restara em sua vida e que lhe trazia alguma felicidade, acreditando que Scarlett era Maria de Fátima, acaba por matá-la. Menina não repara que em Scarlett Maria inexistiam marcas na pele, cicatrizes como as de Maria de Fátima:

Maria menina nem vê o final dessa história nas borras da pele gravado. De repente Maria de Fátima diante dela na casa vazia, de repente a irmã de volta à vida, de repente Maria de Fátima vem tomar sua filha? Não, não, não! Maria menina ecoa toda na casa. Scarlett Maria é minha! Minha! Desgraçada! Maria menina pernas tortas desgrenhadas sai de baixo da pia vai pra cima de Maria de Fátima. Chuta Maria de Fátima, dá nela com ripa. Esparracha pelo chão a mãe de sua filha, diacho, porque Maria de Fátima parece tanto com Scarlett Maria? Maria menina não bate surra que Fátima lhe deu não bate cada palavra. Maria menina bate para não perder a cria, Scarlett é minha, Maria de Fátima! Minha! Diacho, porque elas têm que ser tão parecidas? [...] Meu Deus, Maria e Maria tão parecidas Maria e Maria pequenas na vida Maria e Maria todo esse tempo ela não percebia, meu Deus, ela chuta estrangula escorraça Maria pelo chão da casa vazia é Maria ou Maria? Mas só pode ser Maria de Fátima, a filha não fala. E a Fátima apanhando, depois de cada pancada, a Fátima quando Maria menina parava um pouco, respirava, a Maria de Fátima repetia a mesma desconhecida palavra. Só podia ser Fátima, Scarlett Maria não fala, só podia ser Maria de Fátima mas elas tão parecidas, tão Marias, elas tão parecidas e coitadas. Meu Deus, tão parecidas que eita diacho parando para pensar agora depois de tudo elas tão parecidas e agora parando pra pensar, meu Deus, a menina chutou escorraçou matou Maria ou Maria? (SMANIOTO, 2015, p. 279-280).

Depois, com medo e acuada, volta para debaixo da pia, onde sempre se sentiu “segura”; mas, dessa vez não tinha o cão de vó Penha para protegê-la, assim como ela não conseguirá proteger Scarlett e Maria de Fátima: “[...] Maria menina embaixo da pia não ouve Tonho não ouve nada, diacho de silêncio terra de enterrar palavra, pra onde ele foi antes de matar Maria de Fátima?” (SMANIOTO, 2015, p. 279).

A violência é um fenômeno que se desenvolve desde os primórdios e está intimamente ligada à existência humana, seguindo em constante evolução e aprimoramento ao longo dos anos, pois diversifica suas formas e maneiras de atuação perante a humanidade. A violência em desfavor da mulher está arraigada em uma cultura de dominação masculina, estruturada socialmente, que ainda busca a manutenção da *honra*, atravessando a sociedade como um todo e não apenas as famílias, segundo nos ensina Safiotti:

O patriarcado, quando se trata da coletividade, apoia-se neste desequilíbrio resultante de um desenvolvimento desigual de *animus* e de *anima* e, simultaneamente, o produz. Como todas as pessoas são a história de suas relações sociais, pode-se afirmar, da perspectiva sociológica, que a implantação lenta e gradual da primazia masculina produziu o desequilíbrio entre *animus* e *anima* em homens e em mulheres, assim como resultou deste desequilíbrio (SAFIOTTI, 2015, p. 39).

Desesterro traz, assim, dois feminicídios narrados de forma tão similar que, supostamente, têm a mesma personagem como vítima, já que, simbolicamente, Tonho matou duas vezes a sua companheira Maria de Fátima, uma vez que, para ele, Fátima não morreu em Vilaboinha: “[...] eu achei que você tinha morrido, eu deixei você estrebuchada, minha cadelinha, eu jurava que você tinha ficado morta, mas não” (SMANIOTO, 2015, p. 257) e, após vinte anos à sua procura, ele a “encontra”, ironicamente, em Vila Marta dando, enfim, cabo à sua vida, encerrando o ciclo que ficará em aberto. Esses feminicídios narrados no romance, ocorridos no âmbito da violência doméstica e familiar, são representações evidentes da dominação masculina, ainda presentes na sociedade contemporânea.

Simone de Beauvoir (1970, p. 10) já trazia em sua obra que a mulher possuía, em relação ao homem, um olhar de inferioridade e que o masculino seria o tipo humano ideal: “[...] a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. Tal perspectiva impôs a mulher ser submissa ao homem em seu modelo ideal de ser e existir, tudo em função de satisfazê-lo, assim como a sociedade, perpetuando a erotização, a modelação, o controle e a dominação sobre seus corpos nos últimos anos, reduzindo a mulher a apenas um corpo. Para Bourdieu (2012, p. 82):

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

Maria Menina tentou viver de forma diferente, pois partirá em busca de novos ares e conquistas, mas o passado de medo, de pobreza e de dominação não a deixaram seguir em frente e ela acabou por repetir ações e falas patriarcais que fizeram com que esse ciclo de dominação e violência masculino permanecesse vivo em sua memória. Bourdieu (2012, p. 16) afirma que:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados em conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.

Embora a morte de Maria de Fátima tenha sido um impulso para a mudança/migração de Menina, tal fator não foi o suficiente para destravar as amarras da miséria, das dores e do ciclo de violências, os quais deixaram profundas e permanentes marcas em seu corpo e sua alma.

As antecessoras de Menina, a jovem que via mais do que devia, transmitiram a força necessária para ela pudesse se desvencilhar da extrema pobreza de Vilaboinha e sair em busca de um lugar utópico. O lugar escolhido por Menina, Vila Marta, nem de longe realizou a utopia esperada. Menina sonhou com algo novo, mas o que estava guardado para ela veio prenunciado com o seu nascimento, ou seja, com a morte.

Menina tentou fugir. Fugir da violência, do medo, da seca, da fome, da miséria de Vilaboinha acreditando que em Vila Marta tudo seria diferente. No entanto, somente a seca a abandonou, tudo o mais a acompanhou até São Paulo. Migrar não foi a solução. A sociedade moderna não foi capaz de gerenciar a vida de Maria Menina de forma satisfatória e conquistar a utopia de uma nova vida em um novo lugar, de uma sociedade ideal onde ela tivesse voz, vez e lugar. Menina teve que, sozinha, tentar resolver e suportar os excessos de um poder autoritário e arbitrário que a silenciou, subjugou e a anulou como mulher durante o ciclo de sua vida.

Assim, a narrativa nos mostra que várias mulheres, mesmo após séculos, continuaram em situação de vulnerabilidade social em relação à figura masculina. Ainda hoje, certos dogmas e crenças continuam incrustadas na sociedade, não permitindo que boa parte das mulheres se coloquem em pé de igualdade com os homens, os quais, por vezes, ainda lhes tratam como inferiores. Essa vulnerabilidade social faz com que surja a violência, que insiste em permanecer e pode ser vislumbrada em todas as camadas sociais. Violência que, aliada à pobreza extrema, no romance, foram as razões que levaram Maria Menina a deixar Vilaboinha em busca de um lugar melhor, migrando rumo ao desconhecido em busca de melhores condições de vida.

Há aspectos simbólicos que permitem vislumbrar o quanto a cultura patriarcal e a dominação masculina ainda estão presentes nas relações sociais, ditando as regras e relações de poder. O romance pretende, assim, alertar para a existência de um problema estrutural enraizado na sociedade, que é a violência contra a mulher, bem como faz refletir sobre o problema de não ver crime ou simplesmente esquecer a violência generalizada que continua atingindo muitas mulheres e, por muitas vezes, tirando-lhes a vida. Tal conclusão pode ser

extraída do seguinte trecho: “[...] Mal sabem os escavadores que o esquecimento é um crime sem corpo” (SMANIOTO, 2015, p. 197).

Smanioto (2015) faz surgir, assim, um incômodo no leitor diante do silêncio dessas mulheres ante a violência sobre elas exercida, tratando-a como algo natural. Estimula a sensibilidade ao abordar a violência contra a mulher, da meninice até a velhice, confirmando que a violência contra a mulher está arraigada no cotidiano, fazendo refletir, por meio do texto literário, sobre uma problemática que necessita ser muito debatida. *Desesterro* faz ver a importância do falar e do não calar, pois como traz a narrativa, “[...] tem coisa que é bom de a gente dizer, pra modo de olhar bem de frente o que diz” (SMANIOTO, 2015, p. 291).

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio de Milliet. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder do simbólico**. Trad. Fernando Tomazz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARANDOLA Jr., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, v. 18, n. 29, p. 39-58, 2008.
- SAFIOTTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SMANIOTO, Sheyla. **Desesterro**; 1. Ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

*Artigo submetido em: 10 de setembro de 2023.
Artigo aprovado em: 15 de novembro de 2023.*